

O PÃO

Da Padaria Espiritual

Gerente

José Carvalho

Director

Antonia Salles

Secretario

Sabino Baptista

Amor e Trabalho

ANNO III

Fortaleza, 30 de Setembro de 1896.

NUM. 34

EXPEDIENTE

“O Pão”

Revista de Litteratura e Arte.

Publica-se duas vezes por mez.

ASSIGNATURAS

Por um anno	10\$000
Por um semestre	5\$000
Numero avulso	\$500

Só se aceitam pedidos de assignaturas para fora desta capital vindo acompanhados da respectiva importancia, em vale postal ou carta com valor declarado.

Todos os negocios economicos tratam-se com o gerente, rua do Major Facundo n. 4.

SUMMARY: Os Quinze dias, A. S.; Ao mestre, Henrique Jorge; — Identidade, Sabino Baptista; — Carta de um carioca, Moacyr Jurema; — Sonho, C. Bräuna; — Fragrancia do proximo, José Carvalho; — Tua bocca, Carlos Victor; — Meio dia, Antonio Salles; — Imprensa litteraria, Satyro Alegrete; — Bibliographia, M. J.; — No templo, Anna Nogueira; — Lucta pela vida, Rodolpho Theophilo; — Conscieira popular, O cunco de vendas, Roberto de Alencar; — Carteira.

OS QUINZE DIAS

Com a morte de Carlos Gomes desapparece do nosso pequeno mundo artistico uma das suas figuras mais salientes.

A sua fama começada no estrangeiro com a representação de *Il Guarany*, se implantou facil e naturalmente em todos os espiritos brasileiros, que nunca tiveram um instante de hesitação em dignificar e applaudir o glorioso filho de Campinas.

A confiança no criterio do publico milanez e o amor proprio nacional prepararam o Brasil para a consagração do filho querido que d'aqui se partira com uma plethora de talento a borbulhar-lhe no cerebro e um mundo de esperanças soberbas a impellir-o para o futuro.

Foi triumphante a sua volta do berço

das Artes chegava elle á capital do nosso paiz coberto de louros que nos faziam delirar de enthusiasmo e de orgulho porque eram bastantes para afestoar de raios victoriosos a fronte da Patria.

Uma serie de conquistas gloriosas no campo da Arte foi a vida desse grande talento que acaba de apagar-se lenta e penosamente, num atormentado bruxoleio de chamma demasiadamente forte para que se podesse extinguir de subito.

Nasceu Carlos Gomes a 11 de Julho de 1831. Descendia de uma familia de musicos e teve a fortuna de ver sua vocação cedo comprehendida por seu pae, que era mestre de capella, e por alguns artistas e amadores com quem conviveu em sua juventude.

Transportou-se a São Paulo, onde compoz o *Hymno Academico*, e depois ao Rio de Janeiro onde se matriculou no Conservatorio de Francisco Manoel.

Uma das *Cantatas* que então escreveu lhe valeu o premio — *viagem a Italia*.

Antes de realizar essa viagem já contava em sua bagagem artistica as operas *Joanna de Flandres* e *Noite do Castello*.

Em Milão produziu successivamente a opereta *Si Sa Mingo* e a revista *Nella Luna* e finalmente *Il Guarany*, representado com estrondoso successo no Scala em 1870.

Seguram-se com pequenos intervallos — *Fosca*, *Salvator Rosa*, *Maria Tudor*, *Lo Schiavo*, *La Merveille*, *Condor* e *Colombo*.

Taes são as principais gemmas do diamante do mestre, do maximo artista musical do Brasil em todos os tempos.

Fallecendo-nos absolutamente incompetencia para tracarmos um apercção technica da sua obra, profanos de todo na grande arte creada para deleite do segundo sentido corporal, (si não nos enganam os nossos conhecimentos de doutrina christã) nós nos limitamos a crer fervorosamente, com o extase caloroso de um fanatismo no talento superior de Carlos Gomes, talento sobre o qual o genio reflecte as vezes igneas fulgurações transcendentes, como um sol glorioso a dourar as arestas de uma cordilheira altissima.

A Patria — honra lhe seja! — e o Estado do Pará, especialmente, velaram carinhosamente a beira do seu leito durante a longa e penosa agonia que preluciu o poema da sua immortalidade.

A sua fronte leonina sentiu-se, ao pender exhausta de vida, amparada por um frouxel de affectos, e ao redor do seu leito de morte elle teve, não como Chopin as harmonias arrancadas do teclado pela

discipula amada, mas um murmurio ineffavel de benções e de lagrimas, a gloriar e a chorar o grande espirito que se evolvava para o desconhecido, deixando após si um sulco refulgente, indelevel, eterno como são os traços que a intelligencia humana consegue produzir nas taboas sagradas da Arte.

A. S.

Ao mestre

Não ha muito tempo, no Pará, no Theatro da Paz, por occasião de um beneficio de Carlos Gomes, eu tocava o meu humilde violino sob sua batuta energica.

O *Guarany*, uma das tantas obras com que affirmou seu genio e lhe conquistou applausos em quasi todos os theatros, era a opera que se levava naquella noite de festa.

Jamais feri as cordas do violino com tanta paixão e tanto arroubo como naquelle inesquecivel festival do velho artista.

Lembra-me bem a sua cabelleira dourada, luzidia e revolta a claridade rija da luz electrica, aquella testa de lioni, aquelle olhar que brilhava apaixonadamente, aquella bocca entreaberta num riso de animação, e finalmente sua batuta nuda e vinda, com superioridade, com audacia, com delirio, como que numa marca de compasso divino.

Sob a impressão dos tres trechos musicas da sua grande creação, da bella animação daquella magnifica festa de amor e de arte, eu sentia no corpo e n'alma extranhas e continuas vibrações.

Carlos Gomes, que tão fortemente descrevera em musica a paixão de Pery por Cecy e a heroicidade do indio quando envenena o seu corpo para poder vingar-se, que com sua riqueza de melodias finissimas sabe fazer delirar de vivas emoções a alma de quem ouve a grande luto. — *Sinto uma força indomita* — Carlos Gomes já não vive, partiu para sempre, levando consigo todas as inspirações com que poderia glorificar-se mais glorificando a Arte brasileira.

Os louros que conquistou na vida o autor da *Fosca* e *Salvator Rosa* se transformem agora em funebres corôas de sandade as quaes junto ao pequeno tributo destas linhas infimo crente que sou da Arte de que era elle pontilhe no Brasil.

HENRIQUE JORGE

IDENTIDADE

A mesma dor fatídica e severa,
esmagadora, impiedosa, insana,
mais que uma rude farpa desumana
os corações nos punge e dilacera

E como é triste em plena primavera
do amor, sentir-se a garra sobrehumana
da Morte torva, fria e soberana,
despertar alma envolta na chimera!

Porem mais triste, muito mais dorida,
se por nós dois não fosse repartida,
devia ser tão rispida amargura!

Logo de agora vamos sendo, amiga,
iguais no amor, que os corações nos liga,
iguais em tudo, — até na desventura!

Setembro — 1896.

SARINO BAPTISTA.

Carta de um carioca

Continuo hoje a transcrição da carta do nosso hospede fluminense, que a isto me autorizou dizendo com um movimento de hombros — já agora...

Vamos pois á continuação da carta, não menos interessante que a parte publicada em nosso numero anterior:

Voltando á Fortaleza, «dir-te-ei que não ha terra melhor para uma temporada de ocio, ou antes de descanso tão necessario ás nossas pobres carcassas fluminenses obrigadas ao incessante movimento dessa vida dissolvente e exaustiva que levamos ahí.

Ando ainda como num deslumbramento — tanta é a luz desprendida por este sol que sobre um fundo de saphira immacula rebrilha fulgidissimo, justificando o qualificativo de *Terra da Luz* com que christamaram o Ceará no tempo da abolição e que infelizmente é de alguma forma synonymo de *terra da secca*, pois que a luz encerra calor, e este muita vez se transforma em incendio, devastando as matas e bebendo de um trago as limpidas correntes.

A secca é uma preocupação latente do espirito cearense, é uma ameaça perenne e assustadora a pensar sobre toda a iniciativa, sobre todos os calculos futuros.

A proposito, contam que um caboclo, acompanhando á guiza de pugem um excursionista, disse:

— Eh! meu amo, este anno não temos inverno!

— Porque?!

— Porque as carnahubas estão floradas.

— E quando não floram...

— Quando não floram... é peior.

E já que te falo da carnahuba, cujas propriedades barometricas assignala o paradoxal caboclo, vou fazer-te conhecer esta celebre palmeira cearense, que serve apenas... para tudo.

Hontem, depois de uma visita ao Mercado Publico, que depois da construção do vasto e elegante pavilhão de ferro, quasi terminado, será um dos melhores, senão o melhor do Brasil — fui a uma casa onde se vendem artefactos de palha de carnahuba.

Lá vi chapéus, esteiras, cordas, cestas, espanadores, cordoalhas, abanos, e da conversa que entabolei com o dono do estabelecimento soube a respeito da carnahuba coisas admiraveis.

O pó branco que lhe reveste as palmas é reduzido pela fusão a cera de uma linda cor amarella-lá das quaes se fabricam excellentes velas e que é exportada em bruto para o estrangeiro onde é empregada em numerosos mysteres industriais.

A haste, que é perfeitamente recta e cylindrica, serve, quasi que com exclusão de qualquer outra madeira para o travejamento das casas. Desdobrada em taboas, presta-se a carnahuba a todos os fins da marcenaria, tomando, quando tractada a verniz simples, um polido rijo e brilhante no qual se destaca, como pintada artificialmente, a delicada contextura das fibras. Tenho visto pequenos objectos de madeira de carnahuba, como bengalas, canetas, regoas, etc. verdadeiramente encantadores.

Dos tales que sustentam as largas palmas em forma de ventarolla se fazem gaiollas, e empregam-se os pobres para gradis com que fecham seus casebres.

A raiz substitue aqui quasi que exclusivamente a salsa parrilha, por ser um depurativo de primeira ordem.

O caroço da fructa — que é excellente forragem para os rebanhos — o caroço, dizia eu, depois de expurgado de uma substancia amarga que o envolve, é submettido á torrefacção e addicionado pelas classes pobres ao café, sendo mesmo usado sózinho como café em casos extremos.

Has de concordar que isto é muita cousa para uma planta só, e bem achado me parece o qualificativo de *carnahuba* que aqui se dá á classe de sujeitos que se prestam a tudo e para tudo serve, classe que com um tão opulento contingente entra

para a constituição dos partidos politicos em nosso paiz...

Tu, de certo, já estás maravilhado até a descrença com as propriedades da carnahuba, mas permitta que te dê a conhecer mais outras: nos tempos de penuria os famintos extrahem do palmito das carnahubas novas uma fícula de que fazem farinha não muito inferior á de mandioca e sem as propriedades fortemente toxicas da fícula da mucuna.

Ora, aqui te es, meu querido e encarnado carioca, uma planta que fornece ao cidadão, a casa, mobiliario, luz, numerosissimas objectos de uso domesticos, pão, café, etc. até remedio contra as impurezas do sangue!

Vai fazendo por ahí propaganda do qualificativo — *carnahuba*, para o qual acharás applicações mais numerosas do que as carnahubas vegetaes que cobrem as immensas varzeas cearenses.

Fui hontem á Agencia do Lloyd receber a encomenda que me remetteste, a que te agradeço vivamente.

A porta desse estabelecimento encontrei, fazendo ainda até a sargeta, uma multidão de homens do povo na faina de tirar passagens para o Amazonas.

Todos elles eram válidos, fortes e alentados moços que se vão á conquista do velozinho de ouro.

Informam-me que por todos os vapores lévas iguaes e ás vezes maiores tomam passagem para o norte, — isso ha muitos annos seguidos, desde que o latego da secca exortou pela primeira o cearense do seu torrão natal.

A vista disto, só se pôde conceber que existe no interior do Estado uma população composta de velhos, mulheres e creanças.

Da gente que vai para o norte parte morre, parte se fixa lá e a parte que volta passa aqui somente alguns meses, na mais completa ociosidade, curando-se do impaludismo — *beri-beri* que trouxeram e esperando a volta da estação propicia á extracção da borracha.

Vê lá si pode haver prosperidade possível com o anniquilamento quasi completo das industrias ruraes, que os proprietarios são forçados a abandonar por não achar quem queira sujeitar-se aos salarios aliás elevados que pagam.

Mas... tu, de certo, me estás achando supinamente massante e somnifero com estas minhas ponderações agricolas, tens razão: — um mundano

intransigente como tu és, o dono de uma cabeça coberta de manhã á noite por uma cartolla ingleza e cheia das leituras de Bourget, das harmonias d's concertos Populares, das blagues da rua do Ouvidor, dos gargancios de Melle. Iwona, das bregerices d'O Filhote e de tudo emfim que constitue a graciosa e terrível vida fluminense, um homem como tu—deve achar estas cousas da vida pratica irritantes como uma nevralgia e amolladoras como um discurso comprido.

Tens razão, repito, e passo a falar-te de cousas da tua predilecção: —do meio litterario do Ceará, por exemplo.

Consintam os leitores que eu corte aqui a transcripção, deixando o resto para o proximo n.º d'O Pão.

MOYÇA LIMA

SONHO

(quando ausente)

Conservo sempre a lembrança
De um sonho amargo e sentido
Que na minha alma descança
Qual vago som de um gemido

Em funda agua engolfada
Eu a vi triste, chorando
Corada, rubra, zangada,
Cheia de crismas, pensando

Fui eu, confesso, o culpado
De tão amarga tristeza
Pois que, partindo apressado
Não despedi-me. Surpreza!

Nos seus olhos—dores cecos
Suaves, d'agua orvalhados
Vi o retrato dos meus
De pranto tambem molhados

E o que não possa explicar,
Por ser do sonho um segredo
E' que lhe estanto a beijar
Ella me olhasse sem medo!

Outro mysterio imponente
Com que me fico a pensar:
Foi me ver tão longe, ausente
E a ver por isso chorar!

A doce e triste impressão
De meu sonho mysterioso
Inunda-me o coração
De soffrimento e de gozo!

Ha porem uma tristeza
Que me lacera de penas:
E' ter a negra certeza
De que o sonho... é sonho apenas!

V. LIMA

Fraqueza do proximo.

I

A' rua principal da pequenina cidade pelas portas das lojas e bodegas, agrupavam-se os commercian-

tes—camisa e calças—curiosos, rindo, por ver o Costa ás cambalhotas, a gritar, cahindo completamente ebrio, allucinado.

Emquanto o pobre louco do alcool, ás quedas, berrando, seguia rua á fora, os commentarios, as pilherias desagradaveis succediam-se em todos os grupos.

—E' pena! seria hoje um padre!

—Perdido!! sabe muito bem o portuguez e o latim!

—Como não?—dizia outro—si estudou muitos annos no Seminario!

Fôra d'alli—do Seminario Maior de S. José—que o Costa trouxera as praticas religiosas que uzava zelosamente e de que dava publico e incontestado testemunho quando, em estado normal, calmo, saciado da embriaguez, quedava-se arrependido e protestando:

—Sómente esta vez! não beberei mais nunca!

Excepção feita deste unico defeito, o Costa—moço de familia—era uma inoffensiva creatura, religioso, amavel, muito crente e muito tímido.

Nos dias de arrependimento e de contrição recordava e maldizia o momento em que, ao velho Reitor, pedira licença para ir á cidade.

—Maldito calice de vinho!—murmurava triste, com o olhar fito no chão—maldito!

—Recordava-se de tudo perfeitamente como si fosse hontem:

Quando entrou na casa do seu correspondente—o Silva—lhe disseram a um tempo a mulher e as filhas do commerciante:

—Adeus! Sr. Costa! ha tanto tempo que não nos dá o prazer de sua visita?!

E uma das moças, agradável, gentilmente sorrindo, lhe offerceu n'uma bandejinha bordada, um calice de vinho.

Poucos momentos depois de ingerido o vinho, perdia o acanhamento bisonho de seminarista e sentia uma sensação agradável invadir-lhe os nervos que se iam entorpecendo deliciosamente.

Uma alegria estranha afagava-lhe o espirito e sentia desejos freneticos de dançar, rir, cantar, muito, excessivamente.

Que nunca o supposeram tão espirituoso e tão divertido—disseram as moças—

—E' isto—obtemperou a dona da casa—para matar a saudade da familia e o enfado do estudo! Não é assim Sr. Costa?

A familia de um sacerdote christão era a humanidade em geral e tão somente ella! E continuou em eloquente e adjectivada prelecção a discorrer sobre o desprendimento terreno do sacerdote e os seus arduos e melindrosos deveres. O padre morre para o mundo! Aquella batina preta representa a mortalha; a corôa no alto da cabeça representa a coroa de espinhos, martyrisante de Christo! Elle era muito moço ainda, mas em tudo via a subdoria divina: ao lado da felicidade incomparavel dos pais de familia que procream e educam para a patria pende a felicidade suprema do sacerdote christão que purifica as almas e as prepara para Deus!

—De facto—concordaram—era um typo divino o sacerdote!

—Quando possui a verdadeira vocação,—acrescentou elle—enlevado na absorpção de um gozo que até alli lhe fora completamente estranho.

Um desejo violento—desejo de gula insaciada—de beber muitos calices daquelle saborosissimo *Vinho Velho do Porto*, torturava-lhe o espirito n'uma impertinente constancia de tentação.

Sentia que lhe cumpria reagir; não beber; estava em casa de seu correspondente; era um seminarista; seria um padre!

Ao lado dessas cogitações crescia o desejo que as sepultava deixando-o desvairado.

—Beberia somente aquella vez: não mais tocaria em vinho!—Sim: não beberia mais nunca!

Crescia-lhe a ansiedade e soffocava. Impaciente, insoffrego, manifestou desejos de voltar ao Seminario.

Que lhes desse o prazer de jantar alli—pediu delicadamente a D. Lydia.

II

Diante da mesa abundantemente servida e augmentada por mais deus ou tres pratos, o seu primeiro olhar foi para as garrafas dispostas em fila ao longo da meza.

A fumaça que dos pratos se levantava impregnada de um cheiro de temperos, despertou-lhe agradavelmente o appetite embotado ha muitos annos pelas comidas grosseiras do Seminario.

Sentiu fome e lhe foi de uma agradável emoção o ruido do liquido a cabir do gargallo das garrafas.

—Que saboroso vinho!

A' tardinha, voltando para o Seminario, com veias ropriniu-se, com

vezes avançou para as bodegas que via abertas, nos lácos, como um abismo de atracção, escancarado e tragico.

A' noite queixou-se de enxaqueca. — Maldita enxaqueca! febre, dor de cabeça! O creado, secretamente, foi comprar genebra.

A genebra, forte, bebida de dous tragos saciou-o e, enquanto manifestava-se o offeito do alcool, sentia-se possuido de uma satisfação boa, acalmante, que crescia aos poucos, invadindo-o todo n'uma irrequieta manifestação de alegria.

Seria somente aquelle vez; não beberia mais nunca!

Encaminhou-se directamente á cama, e, sosinho, em silencio, n'uma quietação de goso, quedou-se saboreando intimamente, deliciosamente a primeira embriaguez, que se lhe embebia nos nervos.

A chamada para as ultimas rezas veio despertal-o. Levantou-se e foi ajoelhar-se deante do altar, fitando os santos indifferentemente, sobranceiro, sem devoção, sem o fervor e a religiosidade de costume. Achava irrisorias as mudas e contrafeitas perspectivas dos santos impostos á adoração dos povos.

No entanto, não podia deixar de rezar, de crer machinalmente e de bater pausadamente nos peitos.

Recolhido ao dormitorio cahiu n'uma lethargia de somno pesado, de um longo somno de repouso, consolador.

Quando no outro dia com os outros collegas ajoelhou-se a fazer orações, foi que lhe ocorreu á lembrança do dia anterior; fitou os santos perfilados, mudos, e ficou perplexo, suspenso, procurando convencer-se e descobrir a verdade que se lhe encobria nas sombras da memoria.

Lembrou-se então do que havia feito: da embriaguez e da louca irreverencia aos santos, da profanação ao altar!

Fugira-lhe completamente a fé n'aquelle momento fatal.

Uma tristeza mesclada de arrependimento e de temor assomou-lhe ao espirito, deixando-o doente, nervoso, quasi sem discernimento das causas.

— Que grande peccado! meu Deus!

— Que grande crime!

De joelhos, as mãos postas, diante de uma imagem lhe implorou humildemente, fervorosamente, cheio de contrição e de fé, o livrasse d'aquella tentação diabolica. Não o dei-

xasse cahir — implorava — não o deixasse cahir! — Elle não queria beber, não queria condemnar-se cometendo outro tão grande peccado!

Temia as penas mundanas e celestos; queria dedicar-se no serviço de Deus; ser um sacerdote; pregar a religião; officiar as praticas do culto!

A nevrose do vicio, porem, torcia-o n'uma irreprimivel convulsão de desejos.

Poucos dias depois, em pleno salão das aulas, no meio dos companheiros e dos padres, o rapaz n'um accesso violento de embriaguez, saltava rindo, fazendo trejeitos impudicos, completamente louco, vomitando.

Foi expulso do Seminario e, inutilizado, ebrio, voltou á sua pequena aldeia quasi ao completar o curso superior.

Era o palhaço das ruas a pinotear doidamente n'um frenesi de louco, n'uma alegria indiscreta, immoral.

III

Por uma tarde humida de Maio em que soprava impertinente um vento bofioso, frio, todos os moradores da principal rua da cidade corriam admirados, pressurosos, chegavam ás portas, agrupavam-se e olhavam rua afora, por onde seguia o acompanhamento de uns noivos.

— O Costa! E' o Costa! — diziam todos rindo, com uma admiração açodamente prevista.

E o Costa — o segundo par — de braço com umas das testemunhas, aparentemente triste, a cabeça cahida para os pés, todo de preto, seguia em direcção a igreja.

A noiva, á frente, com um vestido de cambraia cuja cauda arrastava vagarosamente pela calçada estreita e suja, as botinas brancas de bicos bordados apparecendo muito fóra da orla do vestido, um bouquet de flores naturaes mal seguro na mão direita, ia pallida de commoção, o andar embaraçado e timido.

Os commentarios desagradaveis, maliciosos succediam-se entre os homens do pequenino commercio.

— Milagres do Vigario!

— E o outro? perguntavam.

— Qual! o boceado não é para quem o faz, é para quem o logra!

E os noivos e todo o pequenino acompanhamento, desappareciam, entrando pelo meio da larga nave da Matriz, encaminhando-se para um dos altares.

O outro a que se referiam os indiscretos commerciantes era o primeiro noivo da moça, um mestiço gatuno, desordeiro, que a havia raptado, ella — a filha de um pobre e honrado velho.

O velho chorou de desespero, quasi enloquecia de contrariedade, valeu-se das autoridades, do vigario, de todos.

— Não deixassem sua filha — menina sem juízo — se perder, casar com semelhante bandido!

Retomaram-na do Samuel, e a pobre moça, escrava de seu temperamento ardente, voluptuoso, ansiosa por se casar, convulsionada pelos impetuosos protestos de sua carnacção sadia, pubescente, viu-se atirada á casa do vigario, opprimida, vigiada para não transpor a barreira dos preconceitos sociaes.

O Costa — o seminarista inutilizado — bom coração, virtuoso, irmão de muitas confrarias, — para praticar um acto de caridade — acceitou o offerecimento da mão da Chiquinha, feito pelo padre que estava encarregado a procurar um noivo. E naquella tarde fria de Maio jurava nas mãos sacerdotaes que: recebia a ella Francisca Maria do Amor Divino por sua legitima esposa assim como manda a Santa Madre Igreja Catholica Apostolica Romana.

IV

Algun tempo depois — passada já a feliz lua de mel — o Costa voltava á casa, ebrio, allucinado, injuriando a mulher protestando assassinal-a.

De nada lhe valiam mil protestos, mil juramentos que contrahia quando voltava á calma, quando se confessava e promettia a Deus corrigir-se de seus erros.

— Somente aquella vez; não beberia mais nunca!!

E quando a Chiquinha parára a luz ao fructo de seu amor e de sua licita união, deixou-o ficar em casa, sosinho, entregue á sua embriaguez e ao seu alternativo arrependimento, e correu, foi pedir um refugio á casa de uma familia, elle arrependido, calmo, cheio de contrição, murmurava n'um tom de amarga tristeza:

— A Chiquinha é muito boa, mas não sabe supportar com paciencia a fraqueza do proximo!

TUA BOCCA

Essa bocca querida, essa bocca de rosa
De rosa a desbrochar.

Tem frescor de camelia setinosa,
Colhida em noite branca, deliciosa
Clara noite de limpido luar.

Esse cheiro que vem dessa bocca vermelha
Que aroma e fala

A linguagem que a psalms se assemelha,
Beijos de amor attrahe quando se exhala
Como o das flores attrahe a abelha.

Minha bocca febril, minha bocca sequiosa,
A tua ardente bocca

Fresca, macia, em flor, rubra e mimosa,
Por entre as flores, sonhadora e louca,
Busca premil-a, doce, mysteriosa.

Tua bocca, de amor e de febril desejo
Ardendo tumida;

Bocca pequena de subtil bafejo
Fresca, cheirosa, tentadora e humida
Foi feita para o riso e para o beijo!

CARLOS VICTOR.

MEIO DIA

A Max Fleiuss

Caracola o regato a riscar sobre a areia
Esguio traço azul que um rumo ignoto busca;
A mongubeira anciã, toda de aromas cheia,
Desdobra-lhe por cima a copa verde—fusca.

A's vezes, quando o azul mais rutilo pompeia
O fulgurante sol de um resplendor que offusca,
Uma nuvem, que o vento arrasta, se permeia,
E então a sua luz de subito se ombrusca.

Pios langues a encher de pávidos segredos
O quieto penetral dos virentes silvedos,
Vibram tristonhos no ar como as notas de um dobre...

Desce o gado a beber, enquanto a lavadeira
Põe a roupa a enxugar ao calor da soalheira
Que lhe morde inclemente o lombo côr de cobre.

ANTONIO SALLES.

16—9—96.

Imprensa litteraria

—A Brura, n.º 30, 31 e 32.

E' com a mais viva avidez que rasgamos sempre o envolvero desta esplendida publicação fluminense todas as vezes que a recebemos.

Temos a certeza de que vamos experimentar uma surpresa preparada pelo Julião e pelo Bilac. E nunca nos enganamos, porque os dois grandes artista da penna e do lapis são inexgotaveis. A prova está nos tres numeros que temos presente.

O primeiro delles, o n.º 30, é um verdadeiro primor, quer a parte artistica quer o texto.

Occupa a primeira pagina o retrato do Conde d'Alto Mearim e a ultima uma caricatura espirituosissima com o Ministro da Fazenda.

O que porem ha de melhor e de mais genial neste n.º são as duas paginas do centro onde o Julião Machado apresenta o General Glicerio preparando a Droya.

E' uma das creações mais felizes do grande artista, não só pela concepção como pela vida que elle lhe imprimio.

O n.º 31 não é inferior em nada ao antecessor. Traz na primeira pagina o retrato da primorosa escriptora brasileira Julia Lopes de Almeida, autora do *Livro das Noivas*, com uma bellissima allegoria representando uma moça de pé, lendo. As outras paginas são um verdadeiro mimo assim como todo o

n.º 32. Seria enfadonho enumerarmos todas as bellezas destes tres n.ºs da Brura e portanto apenas nos limitamos a enviar ao Julião e ao Bilac um sincero e entusiastico —bravo!!

—Revista Mensal da familia academica. —n.º 1 e 2. Publica-se mensalmente e é organ da Escola Militar da Capital Federal.

Tem como redactores Max. Martins e Jansen Tavares; como Secretario Gonçalves Abreu e gerente Ph. Cunha.

Bem escripta e bem impressa, traz bons artigos sobre instrucção e patriotismo juntamente com alguns versos harmoniosos e correctos.

—A Aspiração, n.º 26. —E' organ do Collegio Militar e apparece quinzenalmente na Capital Federal. Encerra alguns artigos revelladores e os seus redactores são merecedores de incentivo.

—Congresso Academico, n.º 3.

Mais um bom n.º desta revista pernambucana temos a registrar. Traz escolhida collaboração de Clovis Bevilacqua, Rodrigo Costa, Gonzaga de Arruda, Ernesto Garcez, Augusto Meira e outros reconhecidos cultores das lettras pernambucanas. Agradecendo ao Congresso Academico a amavel visita, não podemos deixar de agradecer igualmente as lisonjeiras referencias que nos fez no seu bem lançado artigo *O nosso meio litterario*. Obriga los pela gentileza e pela amabilidade.

SATYRE ALBERT.

Bibliographia

Livro das noivas—Julia Lopes de Almeida—Rio de Janeiro, 1896.—Ora graças que a nossa litteratura, tão indigente de certos generos de trabalhos, começa agora a occupar-se com os problemas do lar, com as interessantes questões da educação domestica, até há pouco tempo completamente inexploradas. Hontem publicava o Dr. Americo Werneck o seu bellissimo livro—*Arte de educar os filhos*, e agora da-nos Julia Lopes de Almeida o *Livro das noivas*, cujo entusiastico acolhimento bem mostra o seu valor e a importancia da lacuna que elle vem preencher.

Ja consideravamos a autora como o nosso primeiro talento feminino em trabalhos de ficção por vel-a destacar-se com um brillantissimo soberano nos seus contos, onde a delicadeza da concepção se allia á mais fina execução artistica.

Com a mesma elegante firmeza de estilo e com um admiravel talento de observação, surge ella agora a discrietar sobre a sciencia do *meu* que encara sob os seus diversos aspectos, externando a respeito todos os mais fecundos e consoladores ensinamentos.

A autora não tem por base das suas doutrinas a moral rotineira e conventual que escoree unctosa e enfaticamente dos livros de educação em geral; a sua moral, alta não menos solida e a que convem a sociedade de hoje e coexiste suavemente com a vida mundana em todas as suas exterioridades brillantes ao mesmo tempo que prodigalisa são conselhos sobre essas pequenas cousas da existencia em commun, cujo conjunto forma a ordem e a felicidade do lar.

Julia Lopes de Almeida deu ao seu livro a forma a mais attrahente possivel pela variedade de processos a que submette as suas apreciações:—aquí a prelecção fardi e scintillante, ali o dialogo, alem a epistola, mais longe a ponderação sensata e amoravel—tudo incute no

mo de quem a lê noções claras e nitidas da vida familiar.

Em todos os methodos empregados pela insigne escriptora brilha a forma encantadora e leve, de uma suavidade fluente em que se revela sinceramente a elevação e a delicadeza do seu espirito.

Materialmente é o livro primoroso também: — a impressão, o papel, as gravuras e a formatação tudo concorre para tornar o *Livro das noivas* digno dos elogios que tem conquistado por parte da critica e do favor que tem merecido do publico.

Felicitando a illustre escriptora, enviamos-lhe d'aqui os mais ardentes agradecimentos pela offorta que gentilmente nos fez de um exemplar da sua obra — uma joia inestimavel que entra para o escriptorio das letras brasileiras.

M. J.

NO TEMPLO

Nesta suave hora de sol posto
Nossa Senhora, a boa Mãe Clemente,
Sorri p'ra nós do throno seu fulgente
Cheia de amor e de ineffavel gosto.

Ella, consolação, arrimo, encosto
Dos que na vida lutam tristemente.
Abre o seu coração bondosamente
E carinhosa inclina o meigo rosto.

Recebe as orações dos desgraçados.
As mansas preces dos afortunados,
De onde resumam doces contricções...

Ouve as sentidas queixas piedosas
Das ternas mães e noivas amorosas
Que põem nella os frageis corações...

—1896.—

ANNA NOGUEIRA.

Lucta pela vida

(Excerpto de um romance em preparação)

A cunhada de Purificação, a senhora Vicência da Gloria, era uma quarentona bem conservada, cor de cobre, corpo ossudo e magro, feições feias, finalmente uma tapuia de cara de poucos amigos, na qual os olhos pequeninos e obliquos brilhavam accezos como dois onyxes negros, tendo de permeio um nariz em forma de bico de gavião.

Não se via no rosto de Vicência um traço sequer da raça de seu progenitor; um anthropologista a tomaria por um exemplar de indio. Só o nariz é que fazia de algum modo suspeitar a mistura do branco, isso no cavalleto agudo, que depois de se salientar um pouco, se esparrava em um par de ventas, chatas como a dos macacos.

A natureza tem seus caprichos e mysterios. A semente da vida, esse argueiro tão pequeno, que olhos nús não o enxergam, é a mais estupenda maravilha da criação. E neste atomio vivo vão não só as qualidades physicas dos pais, como também as suas qualidades psychicas.

O louro grão de pollen em sua microscopica individualidade leva ao ser que vai gerar os matizes, os perfumes e até o veneno as vezes mortifero e subtil da flor de que nasceu.

Em Vicência da Gloria observava-se um destes caprichos da natureza, ella tinha o corpo da india, sua mãe e a alma do portuguez seu pai. Já não era assim a finada mulher de José Maria, a qual tinha as formas e feições semelhantes aos seus ascendentes paternos, o retrato fiel de uma de suas avós — uma confirmação de fatal lei do atavismo. Quanto a sua psychologia, a mesma de seus ascendentes maternos, modificada um pouco pela civilisação.

Vicência da Gloria morava com o cunhado desde o casamento de sua irmã.

José Maria, poucos mezes depois de viuvo, entendeu ser acertado alvitre casar-se com a irmã da finada, não só por estar ella já em casa, como para augmentar os seus proprios bens, com mais algumas duzias de vacas e escravos.

O portuguez com sua costumada bruteza dirigiu á cunhada um galanteio atrevido, que a sertaneja revoltada repelliu na altura da altivez de seu genio.

Purificação não descoraçoa e voltou á carga.

A reincidencia, entretanto, custou-lhe caro, e em vez de algumas palavras asperas de censura, recebeu elle duas valentes bofetadas, quando a furto tentou beijar as faces morenas da cunhada. Este incidente poz termo aos galanteios.

José Maria não se atreveu a continuar a conquista, temeroso da faca que Vicência trazia consigo. Era impossivel bloquear aquelle porto. Um seu patricio estranhou que elle já não se tivesse casado e disse-lhe que as más linguas já falavam até de manebria!... Então Purificação soccegou-o dizendo-lhe convencido que a cunhada só era mulher porque vestia saia.

Vicência da Gloria andou alguns mezes estomagada com José Maria, mas como este não proseguisse em seus intentos, continuou ella a cuidar da casa e dos sobrinhos e mesmo a tratá-lo como dantes, com bastante indifferença.

Vicência era uma mulher activa, petulante e má. Estava quasi velha, e como a mocidade não lhe trouxera arroubos na velhice não lhe esperavam desillusões.

Os encantos da natureza dos tro-

picos no seio da qual nascera e brincara nunca os sentira aquelle espirito tibio. O entretenimento predilecto de sua alma era a maldade dos seus folguedos. Aos implumes passarinhos furava os olhos quando encontrava um ninho. Menina estouvada e perversa corria de varzea a fora perseguindo o insecto cujo colorido mais a impressionava e apanhando-o atirava-o mutilado ao chão para sentir o goso de vê-lo arrastar-se privado das azas com que volitava pelos ares. Nunca o arrulho da jurity, gemido mavioso, que se ouve na solidão dos bosques, terno como um soluço nostalgico, despertou em sua alma um instante de recolhimento.

Aos beija-flores que se osculavam adejando sobre as corollas multicores dos manacás e das outras flores silvestres apedrejava porque não podia apanhal-os e estrangular. Era sanguinaria por indole.

Quando os gaviões perseguindo as rolas as alcançavam e prendiam-nas com suas garras aceradas, apatruia com palmas aquelle acto, que era um deleite para ella, porque era um espectáculo sanguinolento e cruel.

Uma destas scenas tanto a deleitou na infancia que guardou-a na memoria até ser velha. Brincava ella na varzea um dia pela manhã quando ouviu agudos trillados, que sahiam da ramaria de um pão — branco em flor. Ao mesmo tempo chegavalhe ao ouvido o som de um rufar apressado de azas, acompanhado de trinados ainda mais altos e mais intensos.

Vicência attentava o massiço que cercava a arvore, quando rompendo este, sahiram n'um voejar adoudado um vigoroso casal de lindos sanhas-sús.

As aves pipilavam em estranho tom e adejavam sobre a copa da arvore, investindo de quando em vez para a ramaria, recuando depois n'uma algazarra de agudos e medrosos pios.

Ao mesmo tempo abria-se a folhagem em diversas alturas e fazendo-se um claro maior no cimo do massiço appareceu naquella janella em plena luz do sol a asquerosa cabeça de uma cobra.

O corpo da serpente foi se enrolando em espiral, em uma rodilha negra sarapintada de amarello. Um instante esteve ella enroscada, e se desenroscando apresentou ás medrosas aves, que continnavam alar-madas a sua figura inteira. Quasi dois metros da cabeça a ponta da cauda tinha a cobra. A p... e a ne-

gra e lustrosa, como envernizada, e apresentava no dorso o mais delicado lavor, amarello como gema de ovo; era como um cylindro de carvão velado por finarenda de ouro dos mais custosos desenhos.

Vicência da Glória deleitando-se com a affeição das aves nem se lembrava de enxotar a caninana.

Divertia-se com o soffrimento dos sanhaassús, quando seus olhos se fixaram inteiramente na serpente; todo o seu ser se concentrou na observação de um facto, que a attrahia toda, e ao bico dos pés, com os labios abertos n'um meio sorriso, acompanhava a evolução do animal, que subiu até pôr ao alcance de seu bote um ninho que se pendurava de um ramo proximo.

Tres pequerruchos, ainda implumes se aqueciam n'um leito, tecido de malva e grama e eram alimentados das larvas, que os pais caçavam e traziam a cada instante.

A cobra chegou-se ao ninho, e a vista da preza, e a imagem das victimas entrando por seus olhos vidrados e nús, roçaram-na de gula e a sua lingua bifida se estirou fora da bocca molhando-lhe o focinho de peconhenta baba.

Os pequinhos tomaram o habito da serpente, que lhe sahia das ventas em finos assobios, pelo cantar marinho dos pais, a repartir com elles igualmente o insecto que traziam. Ainda sem o instincto da conservação, que se desenvolveria mais tarde e viria guial-os na vida, abriram todos tres os biquinhos n'um chilrear ternu de infante, e quando esperavam cahir-lhes nas boquinhas rosadas, tenra posta de nutrida larva, roçarem uma chuva de baba, que a cobra cortada de gula atira sobre elles para engulir-os melhor.

Nem mais um instante de tregoas o reptil dá as victimas.

As aves tendo uma noção clara, nitida do perigo imminente em que se acha a prole, gritam espavoridas, allucinadas, e uma d'ellas no augo d'a quella grande angustia de um impeto cae como uma flexa sobre a cobra e da-lhe uma valente bicada na cabeça.

A serpente assanha-se; era mais o insulto do que a offensa physica: um bico feito para cantara o nascer e pôr do sol na natureza tropical, não podia de leve offender-lhe a couraça de escamas miudas e rijas.

Assanhada a cobra ergue a cabeça em mais de dois palmos de corpo e assim de bote armado espera outra investidura das aves, como se as

forças, as energias d'aquelles canoros entes, não tivessem sido consumidas no primeiro e ultimo ataque ao monstro que ia comer-lhe os filhos.

Os sanhaassús adejavam a distancia, e a caninana depois, de olhal-os por alguns segundos encolheu-se e chegando-se a beira do ninho, fez um movimento com a cabeça.

De repente desconjunctaram-se-lhe os queixos e cahirem um para um lado e outro para o outro: a lingua como um molambo e em forma de forquilha arrastava-se dentro de uma das mandibulas. Dois fios de baba escorriam das glandulas do fundo da bocca e iam molhando os passarinhos, cobertos ainda de leve pennugem, que se empastava embebendo-se em tão viscoso liquido. Os pequerruchos chilravam abrindo os biquinhos vermelhos.

Uma vez bem lubrificadas a cobra encostou a desconjunctada armação de queixos nas ancas de um d'elles e executando uma serie de movimentos rapidos, empurrou o corpo do passarinho de guela abaixo com incrível ligeireza.

O desespero dos pais havia chegado ao delirio. Não trinavam, gemiam. Não adejavam mais; rolavam pelo chão! Antes de chegarem áquelle derradeiro periodo da affeição, a a ave mãe, como se a razão e o entendimento pertencessem a todos os seres na hora das angustias supremas, e com especialidade as mães, voou ao lado de Vicência da Glória, quasi pousou-lhe ao hombro, e soltou um trinado tão mavioso, que resumia em suas poucas notas a mais fervorosa supplica.

A menina que muito contente assistia áquelle dolorosa scena da luta pela vida, enxotou a ave de um modo brusco e continuou a saborear o gozo d'aquelle espectaculo até que pela garganta da cobra desceu o derradeiro passarinho.

ROSA LINDA THEOPHILLO

Cansioneiro popular

13

Você diz que sabe muito!
Borboleta sabe mais:

—Vira de pernas p'ra cima
Cousa que você não faz

14

No lugar aonde eu canto
Todos tiram o chapéu:
Cada repente que eu tiro
Corre uma estrella no céu

15

Tenho raiva, tenho ira,
Tenho paixão de matar
De quem dança e não me atrai
De quem bebe e não me dá

16

Quando eu vim da minha terra
Minha mãe me encomendou:
Meu filho, tu não apanhes,
Que teu pai nunca apanhou

17

Quem disser que amor não dóe
Descobre amor então.
Queira bem e viva ausente,
Veja lá si dor ou não

18

Quanto ovos põe a ema?
A ema nunca põe so:
Põe a mãe e põe a filha,
Põe a neto e põe avô

19

Do outro lado da serra,
Da outra banda de lá,
Rouca o porco, geme a ema,
Caxinga o tamandua

20

Ha duas cousas no mundo
Que me fazem admirar:
—E' abelha fazer mel,
O mar encher e vasar

21

Esta noite tive um sonho...
Meu Deus, que sonho atrevido!
—Sonhei que tinha na rede
A forma do teu vestido

22

Quando eu testou no meu destino
Sou cabra de genio crú
Engulo brasa de fogo,
Faço vez de cururu

23

Passarinho está cantando
Para alivio de quem chora.
Si cantas p'ra consolar-me,
Passarinho, vai-te embora!

24

Quem quizer cantar commigo
Sente na ponta do banco.
Que eu conheço gado brabo
De noite, só pelo arranco

25

Cabra que cantar commigo
Traga na lua da sella
Meia arroba de gengibre
Para tempero da guella

O casaco de rendas

I

A Joanna Oliveira já tinha passado pela casa dos trinta. Nos cantos da sua bocca, que estava sempre a mordicar, duas rugas fundas obstinavam-se a apparecer, mesmo apesar da camada de pó de arroz que ella renovava sempre, com um movimento apressado de dedos.

Nascera na mesma villa onde morava, na casa cinzenta do seu Guedes, como todos chamav um, em meio áquelle mesma aridez de vida.

Sempre pobre, o pai não pudera mandal-a estudar no collegio—cousa que agora sentia profundamente no monotono declinio da sua mocidade.

As moças do collegio eram tão bem educadas!

Nem tocar piano, por que se perdia de desejos, a alma no meio de nuvens doiradas e lindas—que assim devia ser a impressão de uma

bonita musica—nem tocar piano podera aprender.

Pensando nisto, com uma pressao enorme sobre o coração, a esmagar todos os seus sonhos e aspirações fecundas, passava longas séries de dias eborrecendo a comida, os sinos da igreja, o dormente aspecto da paisagem quieta e a tudo, enfim, que lhe denunciassse vida.

Sua ultima paixão fugira-lhe por causa de um simples defeito physico.

II

Em frente á bodega do Zé de Goes, camisas engomadas lustrando ao sol, sujeitos gosavam o domingo brincando a bola, por entre risadas vivas e sadias.

Sobre a igreja, agora deserta, o sol lançava uma chuva de luz quente, que mais realçava a brancura das paredes, altas e firmes, dominando a velha casaria que se alongava, mesquinha e feia.

Muito tranquilla, a lagoa apparecia distante, como um cinzento lençol sem dobras, e, curvado sobre ella, o bamboal tremia...

Um guarda levava um preso.

—Que foi isto, sen Manésinho?

—Não foi nada, s'a dona. Este cabra metteu-se na cachaca e queria fazer desorde.

O preso olhou o soldado de banda, deu um repellão ao corpo e seguiu, oscillando, o odio e a raiva a lhe escaldarem as veias.

III

O jogo corria animado em casa do Oliveira. Tinha ido fazer *uma perna* o Arthur Gomes, um rapaz da praça, de muito bons costumes — para o dono da casa.

—E sympathico, acrescentava a senhora Arlinda, mulher do Oliveira.

Arthur Gomes agradecia sempre estes «amáveis qualificativos» com olhares cheios de promessas para a Joanna e com o prejuizo que lhe abalava a algibeira.

—O sr. esqueceu-se de pagar, sr. Arthur, observou-lhe d. Joaquina, muito falante e explicada, os olhos accessos de mais.

O moço passou-lhe uma ficha de papelão, «que o desculpasse, fôra mesa o es jucimento».

Afastada da mesa, a Joanna brincava o *dedo mindinho* com uma creança, que tinha aos joelhos, as palpebras cahidas como duas petalas de rosa sobre os olhos languidos.

Que era uma das cousas mais bonitas que ella tinha—aspirava d. Arlinda. Arthur estava cansado do ouvila clogial-osa. Que olhos!

—Oh o sr. está hoje muito dia-

trahido, observou-lhe novamente d. Joaquina, olhando de esguelha para a Joanna. Passe para cá a fichinha...

Desta vez o moço não soube formular desculpa e empurrou o pedaço de papelão por cima do panno listado. Poz-se então a olhar para o Guedes que dava as cartas.

Joanna vestia de branco—uma cravina ao peito,—e do seu corpo onde se agitavam restos de uma vontade insoffrida, de toda ella, emanava um cheiro forte de agua da Florida.

Dahi a pouco ergueu-se, deitou ao chão a creança, que correu para a porta, e entrou no quarto. O Arthur, decididamente não a amava! Si a amasse, certo, não estaria a jogar tanto tempo, todo absorto nas cartas, que ella aborrecia tanto.

Até chegavam a lhe dar somno—dizia a rolar no leito, sentindo um vacuo immenso no coração.

E ficou numa modorra.

Despertou com o ruido das pessoas que se aprestavam para acompanhar o moço á estação onde o sino annunciara o trem, proximo.

E seguiram todos, menos ella, que ficara ainda no quarto, certa da sua infelicidade, um desapontamento atroz a augmentar-lhe a dôr.

Quando voltaram, encontraram-na sob uma das suas crises de lagrimas.

Indo ao espelho, para compor a toilette, que tristeza a velha lamina lhe reservara!

Lá estava, flacido, o collo manchado de sardas. E pensar que aquelle casaco de rendas revelara ao namorado uma tal cousa! Maldito casaco!

No céu, alto e concavo, havia um deslumbramento de luz. E distante, quasi indistincto, o trem rolava e para ella, aquelle barulho monotonico era como o do despenhar do castello dos seus ultimos desejos.

O Arthur não voltou mais á casa do Oliveira.

Ao saber do occorrido, a d. Joaquina, radiando, mãos no quarto, disse, pensando que podia agora *arranjar* a filha.

—Ora, ora, uma *bicha* que já tem esporão!

MODELO DE ALENCAR

Carteira

Antonio Bezerra

Este nosso conterraneo, que pelo seu talento, pela sua illustração, pela grandeza do seu coração e pelo brilhantismo do seu privilegiado espirito é uma das figuras mais distinctas do nosso meio espirital, fez-se de vella para o Amazonas no penultimo vapor do Lloyd.

Depois de algumas dezenas de annos de inestimaveis serviços a nossa terra em si e a todas as ideas generosas e alevan-

tadas que aqui se têm agitado, já em caminho da velhice e tendo aos hombros o peso de uma numerosa familia, viu-se Antonio Bezerra pauperrimo, agrilhoado pelas privações, sem protecção nem recursos, de forma que lhe foi preciso fazer para elle ingente sacrificio de ir procurar subsistencia fora d'aqui, deixando esta terra que elle ama apaixonadamente, incondicionalmente, apesar dos profundos desgostos que tem experimentado tantas vezes e com tanta injustiça para o seu superior valimento moral e intellectual.

Enviando aqui saudosissimos abraços ao querido amigo e valente companheiro, passamos a transcrever as linhas que nos enviou em despedida:

* Devendo partir amanhã para a capital do Amazonas, donde talvez não volte mais, valho-me do jornal para fazer as minhas despedidas.

Aos meus bons camaradas envio daqui um estreito abraço, penhor da minha estima e affeição;

Aos meus desaffectos, poucos merco de Deus, que me magoaram por não ter querido ceder a actos menos dignos do meu caracter e educação, perdão-lhes toda a injustiça a mim feita, visto que não me conheciam;

As minhas amadas associações—*Instituto do Ceará, Academia Cearense, Padaria Espiritual, Centro Litterario, Propagadora da arboricultura, Conferencias de S. Vicente de Paulo e Congresso de Sciencias Praticas*, os mais sinceros votos pelo seu engrandecimento e prosperidade, sobretudo pela ultima que distribue instrucção gratuita ás crianças pobres empregadas nas fabricas e officinas, da qual fui indignamente presidente por tempo de dois annos, mantendo-a com sacrificio, e invoco a generosidade dos meus patricios: não deixem desaparecer esta sociedade, que presta o maior serviço a nossa patria, levantando o espirito das classes pobres, dos homens d'amanhã;

Ao povo cearense com quem reparti sempre o meu pão, advoguei o seu direito em toda a parte, prometto-lhe o meu auxilio e assistencia com a mesma boa vontade com que me votei ao seu serviço.

E á terra do meu berço, o meu idolatrado Ceará, ao qual desde criança dediquei o meu esforço e vitalidade servindo-o como voluntario da Patria, como abolicionista, como republicano, como professor de preparatorios durante dezoito annos gratuitamente; como jornalista, como escriptor em seis livros em que procurei-lhe o renome e a gloria, como historiador sabendo-lhe os seus nobres feitos e grandezas naturaes, como empregado de fazenda em innumerables comissões ao interior, a Pernambuco e ao Rio de Janeiro, na Exposição preparatoria de Chicago, que pagou os meus extremos de filho com multa, ingratidão e injustiça, malbaratando os meus serviços á ponto de me deixar sem o minimo recurso por mais de dois mezes em Pernambuco, onde examinava eu os archivos a cata de documentos para a sua historia; apesar de todo quanto hei soffrido, empenho a minha honra em como, sejam quaes forem as condições de prosperidade em que me aché, toda a vez que a minha querida terra precise dos meus serviços, estarei ao seu lado, com o extremado amor que lhe consagro, para defender, ainda a custa da propria vida, a sua soberania e integridade.

Antonio Bezerra.